

O mundo que o português criou para o galego

Joel R. Gómez

Isaac Alonso Estraviz, Camilo Nogueira, Elias Torres e Valentim R. Fagim defendem o uso da ortografia portuguesa na Galiza, como própria, para normalizar o galego. É o que se conhece como reintegracionismo. Nos quatro últimos séculos trabalharam nessa linha Sarmiento, Murguía, Castelao, Paz-Andrade, Carvalho Calero, Guerra da Cal, Jenaro Marinhas ou Ricardo Flores, entre outras pessoas, e grupos. É tema sempre de actualidade. Estraviz, Nogueira, Torres e Fagim coincidem: essa confluência linguística é uma riqueza cultural, de comunicação e mesmo económica.

Breves notas biográficas

Isaac Alonso Estraviz, 75 anos. Fez as carreiras Eclesiástica e de Filologia. Autor do *Dicionário Estraviz* da Língua Galega, participou em 1986 no encontro de Rio de Janeiro para o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa, como representante galego.

Camilo Nogueira Román, economista e político, 73 anos, eleito representante do nacionalismo galego na Câmara Municipal de Vigo, no Parlamento Galego e no Parlamento Europeu, onde destacou pelo seu posicionamento sobre o galego.

Elias Torres Feijó, 46 anos, professor de Filologia, foi dirigente da Mesa pola Normalización Lingüística e Vice-Reitor de Cultura da USC. É director do Grupo de Investigación Galabra e presidente da Associação Internacional de Lusitanistas.

Valentim Rodrigues Fagim, 39 anos, professor de português na Escola Oficial de Idiomas de Ourense. Fundou a livraria A Palavra Perduda





Elias Torres



Valentim R. Fagim



Camilo Nogueira



em Compostela, preside a Associação Galega da Língua e pertence à Academia Galega da Língua Portuguesa.

Trajectórias idiomáticas

Na história pessoal com a língua, **Estraviz** esclarece: “eduquei-me para frade num ambiente que proibia e castigava falar galego. Mesmo cheguei a me confessar por falar galego. Aos 17 anos rebele-me, formei-me. Em Madrid fiz a Tese de Licenciatura, pioneira em galego; e em contactos com a editora Galaxia elaborei, no franquismo, materiais litúrgicos e literários. Após finalizar Filosofia e Românicas, fui bolseiro em Lisboa, onde tratei pessoas, como o actual Cardeal da cidade, e ao comprovar que falavam como na minha casa decidi mudar, e desde 1978 sou só reintegracionista, anteriormene defendi outras opções”.

Nogueira completou a sua formação no estrangeiro, regressou na década de 60 e valoriza: “a situação do galego melhorou muitíssimo. Presidi à Associação Cultural de Vigo, em 1964 promovi aquele cartaz de *Falemos Galego*, depois o *Galego na Escola* juntamente com O Facho. O primeiro paguei-no eu, custou 2.000 pesetas. Aquilo era revolucionário. Agora o galego é oficial em muitos âmbitos. Acontece que nos anos 60, e muito atrás, 50% da população trabalhava no rural ou no mar. Agora trabalha na agricultura 8%, a Galiza é urbana. A língua manteve-se na cultura agrária porque lhe era própria; tão rica, ou mais, como a da cultura industrial”.

Torres é de Tui “onde se aprende o ódio ao português. Aos 17 anos normalizo a língua, estudo em Compostela, em 1981 quero fazer uma prova em galego e ameaçam-me com que se tenho mais de 3 erros ortográficos me reprovam. Depois situo-me na esfera nacionalista política partidária, a dos mínimos reintegracionistas, até 1993. Depois faço uma Tese de Doutoramento sobre as relações de Galiza e Portugal e a minha principal conclusão é que o galeguismo só avançou com passos audazes, entendi como o galego existe em boa medida pelo contributo reintegracionista, pois todos os motores do galeguismo foram reintegracionistas, todos”.

Fagim, galego-falante desde os 19 anos, dirigiu uma livraria em Compostela “onde havia muita oferta de livros portugueses, e vendia muita literatura em português. Mas poucas pessoas escolhiam por exemplo traduções para português. Eu sou urbano, de Vigo, e as minhas expectativas com o idioma são elevadas; mas vejo que na Galiza rural têm uma expectativa muito baixa, pensam que com o galego não se chega a nada, pela experiência própria e dos pais vem-no um idioma com pouca utilidade, não os convence o galego castelhanizado que se promove”.

Galego e sociedade

A respeito da situação da língua, **Estraviz** refere experiências negativas com duas editoras para publicar o seu dicionário “pois não me permitiam salvar a minha condição de filólogo. Em 1987, em Ourense, o normal era ouvir galego; e no ensino tive alunado que chegava sem falar galego e depois o